

Um futuro cristalino para Selton Mello... também lá fora



Homenagem em Gramado com troféu honorário a ser entregue nesta quarta celebra a fase e internacionalização do astro e diretor, que mobiliza o streaming com 'Sessão de Terapia'

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Recém-saído do set de “Zero K”, uma adaptação da prosa de Don DeLillo dirigida por Michael Almereyda, por onde passaram Caleb Landry Jones, Inga Ibsdotter Lilleaas e Peter Sarsgaard, o mineiro Selton Mello parece ter caído de vez na mira de cineastas do exterior. Fez “Anaconda” com Jack Black e Paul Rudd em dezembro e passou pelas telas de Cannes, em maio, com “La Perra”, da chilena Dominga Sotomayor, que nesta sexta será projetada no Palácio dos Festivais de Gramado, como atração de encerramento da maratona cinéfila gaúcha.

Antes, na noite desta quarta-feira, ele tem outro compromisso com o evento gaúcho: receber o Kikito de Cristal pelo conjunto de uma obra que começa a se internacionalizar depois do fenômeno com carimbo da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood “Ainda Estou Aqui”, ganhador do Oscar no carnaval de 2015.

O êxito comercial de Walter Salles correu mundo e levou Selton consigo, num momento em que ele almeja filmar de novo, ao dirigir uma versão para a telona de “O Alie-

nista”, de Machado de Assis.

“Passei toda a minha adolescência, dos 12 aos 20 anos, morando praticamente nos estúdios da Herbert Richers, dublando filmes de Hollywood, dublando Tom Hanks, dublando Robert Downey Jr., dublando Sean Penn, dublando Griffin Dunne. Dublei todos aqueles atores pensando assim: ‘É isso. Eu nunca vou furar essa tela e estar lá do

outro lado’. Mas, como a vida é bonita, o mundo girou, e agora estou eu lá fora”, disse Selton ao Correio da Manhã ao aparecer nas pré-estreias mundiais de “Anaconda”.

O troféu que Gramado lhe oferece será dado ainda à atriz Maria Fernanda Cândido, também muito requisitada para filmar em outras línguas. Ela atuou em inglês em “Meu Amigo Hindu” (2015), no

qual Selton tem um papel nas raias do mistério. Ela também passou pela série “Sessão de Terapia”, que ele comanda na atualidade, com episódios inéditos no Globoplay.

O Kikito de Cristal celebra carreiras que transcendem as fronteiras deste país e do continente. Essa honraria passou a ser entregue em 2007, quando foi confiada ao documentarista carioca Eduardo Couti-

nho (1933-2014), e já foi entregue a gigantes de outras pátrias. Os argentinos Cecilia Roth e Juan José Campanella, a germânica Mariëtte Rissenbeck, o uruguaio Cesar Troncoso e o moçambicano Ruy Guerra receberam esse solzinho cristalizado, além do titã baiano Othon Bastos, coroado com esse mimo em 2013. O divo de Petrópolis Rodrigo Santoro foi agraciado por Gramado, com esse mesmo tributo, em 2025.

No caso de Selton, sua escolha foi determinada não apenas por suas atuações inesquecíveis, sobretudo a de “Lavoura Arcaica” (que completa 25 anos e está na plataforma MUBI), mas também por seu histórico na direção. A gênese do percurso dele na realização vem de um curta-metragem, “Quando o Tempo Cair”. Há muito esquecido, o filme acaba de ser resgatado pelo já citado www.mubi.com. Lançado no Festival do Rio de 2006, a produção fez de Jorge Loredó (1925-2015), o eterno Zé Bonitinho, seu protagonista, num trabalho comovente.

Em cartaz na MUBI, “Quando o Tempo Cair” foi escrito por Selton e Marcelo Vidicato (parceiro dele no programa “Tarja Preta”, do Canal Brasil) e foi fotografado (com requinte) por Juarez Pavelak. Na época de seu lançamento, na *Première Brasil*, Loredó encerrou um hiato de 28 anos longe das telonas. Depois do premiado “Tudo Bem” (1978), o comediante ficou cerca de três décadas só fazendo humorísticos de TV. Atento à versatilidade de titãs com muitas primaveras de experiência, Selton não ofereceu comédia a Loredó e, sim, um drama rascante. Em “Quando o Tempo Cair”, ele interpreta Ivan, um representante de vendas 70+, aposentado, que vive em um pequeno apartamento com seu filho desempregado e seu neto jovem, ainda incapaz de compreender as dificuldades que eles enfrentam. Na esperança de aliviar o fardo da família, ele sai em busca de trabalho, mas logo descobre a violência do etarismo.

Gramado chega ao fim neste sábado, com a premiação dos concorrentes deste certame.



Divulgação

Selton Mello será agraciado com o Kikito de Cristal pelo conjunto de sua obra como ator e realizador

Para **José Loreto**, hoje ainda é dia de Rocky

Ator dispara como favorito por sua atuação arrebatadora na biopic do roqueiro Chorão

As apostas para os prêmios que o júri gramadense anuncia no próximo 22 de agosto trazem José Loreto como favorito por seu desempenho no papel do cantor e compositor músico Alexandre Magno Abrão (1970-2013) em “Chorão – Só Os Loucos Sabem”, uma espécie de Rocky Balboa do rock’n’roll dirigido a quatro mãos por Hugo Prata e Felipe Novaes.

Seu meio de encenar os tiques

e as fúrias do vocalista do Charlie Brown Jr. não se limita à mimese. Vai a léguas de distância delas, numa tentativa de personificação do zeitgeist da década de 1990, em que roqueiros nacionais não dispunham mais do lirismo nem das ideologias partidas dos anos 1980. A falência moral trazida pelo impeachment de Fernando Collor de Mello veio afundar os projetos revolucionários que ago-



Cleiton Thiele/Ag.Pressphoto

José Loreto após a consagrada exibição de ‘Chorão: Só os Loucos Sabem’, de Hugo Prata e Felipe Novaes

nizaram após as Diretas Já.

É um biopic (épico biográfico) dos mais contagiantes, na sua forma de lidar com as canções de sucesso do protagonista, mas se ocupa mais (e melhor) do tempo que o gerou, em suas neuroses. Os figurinos de Carolina Agesta são impecáveis e vestem um Chorão preservante como Garanhão da Filadélfia em sua luta contra a pobreza. (R. F.)